

UM ESTUDO DIACRÔNICO ACERCA DO PROCESSO FONÉTICO-FONOLÓGICO DE MONOTONGAÇÃO A PARTIR DA INVESTIGAÇÃO DO *APPENDIX PROBI*

Mateus Parducci Soares de LIMA¹

Thayná Cristina ANANIAS²

RESUMO

A origem desta pesquisa se deu na disciplina Linguística Românica do curso de Letras – Língua Portuguesa – Licenciatura, no semestre 2019.2 como avaliação da segunda unidade. Este artigo objetiva analisar e comparar ocorrências de monotongação de ditongos no Latim e no Português Brasileiro. As fundamentações teóricas consistem em Câmara Jr. (1991), para a explicação e terminologias da Fonologia Clássica Estruturalista; Hricsina (2013), para estabelecer a relação do Latim Clássico com o Português Moderno e Henrique e Hora (2013), para um panorama mais atual entre a escrita normativa e a fala do Português contemporâneo. A pesquisa documental de caráter paleográfico permitiu captar ocorrências da monotongação presentes no *Appendix Probi* para análise no plano diacrônico. A pesquisa bibliográfica foi o instrumento utilizado para coletar os dados analisados no plano sincrônico. A análise do plano diacrônico permite afirmar que o Português Brasileiro contemporâneo é inovador em relação ao Latim Vulgar, visto que houve adição de um ditongo passível de monotongação, o ditongo /ow/. Por sua vez, a análise do plano sincrônico permite afirmar que a monotongação ocorre com a mesma frequência em ambiente tônico e átono, ao passo que, no Latim Vulgar, o metaplasmo ocorria, principalmente, em ambiente tônico. Concluimos que, ao compará-lo com as marcas do Latim Vulgar no *Appendix Probi*, o Português Brasileiro contemporâneo segue tendência linguística de monotongação e, ao mesmo tempo, é inovador linguisticamente.

Palavras-chave: Monotongação, Latim Vulgar, Português Brasileiro, *Appendix Probi*.

1 INTRODUÇÃO

A escrita deste artigo tem origem na disciplina de Linguística Românica no curso de Letras - Língua Portuguesa - Licenciatura da UFRN como avaliação da segunda unidade. O professor ministrante da matéria solicitou a escrita de um artigo científico de caráter diacrônico que focalizasse um dos metaplasmos estudados ao longo da disciplina.

De acordo com Castro (1991) três foram as estruturas do latim vulgar que influenciaram na organização dos romances ocidentais: o consonantismo, a acentuação e o vocalismo tônico. A última dessas estruturas - o vocalismo tônico - possibilitou a ocorrência

¹ Graduando em Letras – Língua Portuguesa na UFRN. Contato: matt.sp2000@gmail.com

² Graduanda em Letras – Língua Portuguesa na UFRN. Contato: thyncris@hotmail.com

do metaplasmo linguístico protagonista do nosso trabalho, a monotongação. Este estudo objetiva apresentar um recorte diacrônico focalizando esse fenômeno, isto é, analisar e comparar ocorrências de monotongação de ditongos no Latim Vulgar e no Português Brasileiro contemporâneo.

As ocorrências de monotongação do Latim Vulgar são fruto da análise e investigação paleográfica dos registros escritos presentes no *Appendix Probi* (BAEHRENS, 1922). Dito isso, justifica-se a realização desta pesquisa visando a ampliação dos estudos do metaplasmo monotongação a partir do estudo de paleográfico.

Em primeira instância, é de suma importância definir o fenômeno estudado neste artigo. De acordo com Silva (2017), “monotongação *monophthongization* fenômeno fonológico em que um ditongo passa a ser produzido por uma única vogal [...]” (SILVA, 2017, p. 153). Ademais, a autora afirma que, no português brasileiro, a monotongação ocorre com ditongos decrescentes ou crescentes.

Faz-se necessário também explicitar o conceito de Paleografia, uma vez que o estudo diacrônico que realizaremos será realizado com base em um documento escrito antigo. Berwanger (2008) afirma que a Paleografia diz respeito ao estudo da escrita antiga e abrange a história e evolução da escrita. De tal maneira, investigaremos o *Appendix Probi* em busca de pistas acerca do fenômeno monotongação. Este documento é uma importante fonte de estudo da gramática das derivações românicas evidenciadas pelos vulgarismos.

Datado aproximadamente do século III d. C (ELIA, 1979), o documento contém um elenco de duzentas e vinte e sete formas incorretas de escrita acompanhadas de sua correção, como por exemplo *formica non furmica*. O exemplo supracitado poderia indicar um processo de alçamento vocálico da fala do autor do erro, no qual, ao invés de produzir a vogal média-alta [o] ele produz a vogal alta [u]. Este mesmo caso pode ser observado no português falado atualmente, ou seja, escreve-se ‘formiga’, no entanto, a fonética da língua permite a produção [f u ñ ‘m i g a]. Fica evidente, portanto, que a evolução de uma língua pode ser estudada a partir do sistema linguístico marcado em documentos antigos, visto que as mutações da fala “invadem” o sistema escrito. Logo, reiteramos que estudaremos a monotongação com base nos “erros” descritos no *Appendix Probi* (*apud* BAEHRENS, 1922).

A progressão textual do artigo consiste, primeiramente, na Metodologia, em que apresentamos a constituição do *corpus* analisado; seguida pelos Resultados e Discussões, no qual discorreremos acerca dos recortes diacrônico e sincrônico focalizando o fenômeno da

monotongação; as considerações finais e, por último, as referências que utilizamos na elaboração deste artigo.

2 METODOLOGIA

A fim de analisar o fenômeno fonético-fonológico da monotongação presente no Latim e no Português brasileiro contemporâneo tomamos como base Hricsina (2013), com o objetivo de estabelecer a relação do Latim Clássico com o Português brasileiro moderno. Por sua vez, utilizamos as vozes Henrique e Hora (2013), para ilustrar um panorama mais atual entre a escrita normativa e a fala do Português contemporâneo. Além disso, ao ter como ênfase o processo de monotongação, utilizamos a base da Fonologia Clássica Estruturalista, por Câmara Jr. (1991), no que diz respeito ao processo e terminologias.

A elaboração do *corpus* deste estudo foi realizada a partir de dois tipos de pesquisa. A primeira delas é a pesquisa bibliográfica, pela qual conduzimos uma consulta de materiais que contemplassem o tema estudado. Isto é, procuramos estudar publicações acadêmicas referentes à Fonologia Estruturalista, Paleografia e Linguística Românica. A segunda é a pesquisa documental de caráter paleográfico que consistiu, basicamente, na investigação e análise do *Appendix Probi* (*apud* BAEHRENS, 1922). Ademais, levando em consideração o caráter diacrônico desta pesquisa, para exemplificar a monotongação atualmente, apresentamos dados de pesquisa de trabalhos já realizados, como o de Aragão (2000).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 DO PLANO DIACRÔNICO

Para que seja possível verificar os contextos linguísticos condicionadores da monotongação, é necessário discorrer acerca do conceito de ditongo, visto que ambos os processos fonético-fonológicos andam de mãos dadas. De acordo com Silva (2017), um ditongo diz respeito a uma sequência de segmentos vocálicos ocorrendo em uma mesma sílaba, sendo que um deles é foneticamente representado por uma semivogal ([w] ou [j]). São eles classificados como ditongos orais e nasais.

É importante destacar o fato de que ambos fenômenos - monotongação e ditongação - apresentam raiz no latim vulgar. Logo, é coerente destacar a importância da mutabilidade

linguística originada na fala popular, a qual representa um fortíssimo fator no processo de difusão³. Ou seja, a tendência de monotongar ditongos já era presente nas comunidades linguísticas latinas da Antiguidade e tal processo acaba por se intensificar mediante a desagregação⁴ após a queda do Império Romano. Observa-se abaixo uma citação que explicita a hereditariedade da monotongação:

“[...] Se no galego-português a ditongação, como um fenômeno fonético caracterizado pela atividade linguística de produzir ditongos, é teoricamente difícil de acontecer, a monotongação, contudo, não o é, já que aparece em outras línguas, inclusive no próprio Galego-português, que ao longo dos processos históricos e sociais metamorfoseou-se no português e, como consequência herdou segmento já monotongados.” (SANTOS, ALMEIDA, RODRIGUES, 2015, p. 9)

De tal maneira, evidencia-se a existência de segmentos monotongados em um período anterior à constituição do Português falado atualmente. É coerente afirmar, então, que o sistema linguístico atual apresenta um comportamento de repetição no que diz respeito à preferência por monotongos. A investigação sincrônica a seguir discorre sobre a monotongação no Latim Vulgar e, em seguida, haverá uma síntese dos condicionadores linguísticos do fenômeno no Português Brasileiro contemporâneo.

É importante ressaltar que a passagem de um ditongo do latim para um monotongo no Português se dá a partir da queda ou apagamento do segmento semivocálico, logo, essa transição se deu mediante enfraquecimento de tal consoante. Dito isso, encaminhamos à análise de casos de monotongação nos “erros” elencados no *Appendix Probi* (apud BAEHRENS, 1922).

<i>Appendix Probi</i>		
	Correção	Escrita
22	aquaeductus	aquiductus
31	sobrius	suber
60	c[a]elebs	celeps
83	auris	oricla
89	facies	fa[ces]

³ Fenômeno lento e complexo, sujeito a múltiplos e variados fatores que podem retardar ou apressar a evolução da língua (NETO, 1979).

⁴ Evento pelo qual a evolução torna-se incontrolada, isto é, há uma nítida cesura na transição de um estilo social para outro no quesito linguístico (NETO, 1979).

143	triclinium	triclínu
159	terraemotus	terrimotium
190	[h]ermeneumata	erminomata
208	Februarius	Febrarius

Tabela 1: Ocorrências e correções do *Appendix Probi*.

Fonte: Adaptado de Baehrens, 1922.

Discorreremos, primeiramente, sobre o ditongo /ae/. Os casos 22, 60 e 159 são representantes do fenômeno de monotongação deste ditongo. Devemos perceber que ora o ditongo resulta na letra ‘e’ (*caelebs* > *celeps*), ora resulta na letra ‘i’ (*terraemotus* > *terrimotium*). O primeiro caso remete ao contexto linguístico em que ditongo [ae] monotongado resulta na vogal anterior média baixa [ɛ]. Isto ocorre em casos que o ditongo está em ambiente tônico. Por outro lado, em *terraemotus* > *terrimotium* e *aquaeductus* > *aquiductus* o resultado da monotongação de [ae] é a vogal anterior alta [i]. Isso ocorre pois o ditongo está em ambiente átono. O que aconteceu, provavelmente, foi a queda de [a] ocasionada pela atonicidade e o alçamento vocálico da vogal anterior média [ɛ] e para anterior alta [i].

Para além destes, outros casos de monotongação também ocorreram em ambiente átono, o que foge à estrutura do vocalismo tônico. Em 31, 89, 143, e temos casos de monotongação em ambiente átono. Acreditamos que o que aconteceu com todos esses casos foi o mesmo: a queda da semivogal. No caso de 31, houve ainda troca de /i/ por /e/. Ademais, em 208, houve o ditongo /ua/, provavelmente produzido como ditongo crescente como [wa]. Logo, de *Februarius* à *Febrarius*, houve queda da semivogal.

É importante tecer uma ressalva acerca dos ditongos /eu/ e /oe/. Em casos de monotongação como o de 190 (*ermeneumata* > *erminomata*) são extremamente raros, mas este dado presente no *Appendix Probi* aponta que o ditongo /eu/ passa à vogal simples [o]. Ademais, por mais que não tenhamos suas ocorrências no *Appendix*, é importante reiterar que estudos apontam o fato de que ditongo /oe/ acaba por simplificar em uma vogal anterior média alta [e], como ocorre, por exemplo, em *poena* > pena (PB). Dito isso, é coerente afirmar que cobrimos todos os possíveis casos de monotongação presentes no *Appendix*.

Ainda é válido realizar uma discussão acerca do ditongo /au/. Segundo Castro (1991), o ditongo [au] acabou por se conservar mediante o latim vulgar que deu origem ao português,

como ocorrem *causam* > causa. No entanto, no *Appendix Probi* percebemos um caso como o 83, no qual houve monotongação de /au/ para /o/. Levando em consideração que em ambos os casos (*causam* e *auris*) o ditongo está em ambiente tônico, é coerente afirmar que, provavelmente, houve a queda da semivogal [w] e alçamento vocálico de posterior não-arredondada baixa [a] para a vogal posterior arredondada média-alta [o].

De acordo com Hricsina (2013, p. 209), “a monotongação do ditongo /aw/ não ocorreu, tendo este transformado no ditongo /ow/ pela atuação da assimilação (a vogal /w/ alta fez elevar a /a/ baixa – /a/ > /o/ – causa > cousa, outro > outro, cantau > cantou)”. Por outro lado, traçando um comparativo com o português brasileiro contemporâneo, nota-se a monotongação do ditongo /ow/ para a produção da vogal simples /o/, esteja ela em sílaba inicial medial ou final, a exemplo das transcrições fonéticas: [‘o w t r u] > [‘o t r u] / [‘ñ o w b u] > [‘ñ o b u] / [k ã ‘t o w] > [k ã ‘t o].

Notamos, assim, uma inovação do português em comparação com o latim vulgar do qual se originou. Isto é, a comunidade linguística de língua portuguesa expandiu os contextos linguísticos passíveis de monotongação, visto que o ditongo citado anteriormente não passava por tal processo.

De tal maneira, levando em consideração o atual processo de lenição das semivogais resultando nas vogais simples, é coerente afirmar que estamos passando por um processo similar ao que ocorreu no latim vulgar e, posteriormente, no Romanço que acabou por dar origem à língua portuguesa. Logo, podemos reafirmar a conhecida hipótese da tendência linguística. Ou seja, assim como o sistema linguístico português apresenta preferência pelas palavras paroxítonas, de maneira análoga, a fala demonstra preferência pela monotongação dos ditongos e isso é refletido no sistema de escrita. Portanto, citando o artigo de Santos (2015):

“[...] a monotongação é um processo fonético de larga extensão no português, tanto do ponto de vista sincrônico (evolução do latim) quanto diacrônico (considerando possibilidade do ditongo ser constituído por dois núcleos silábicos consecutivos ou um núcleo silábico modificado pela semivogal)”.

Nota-se, portanto, que certas comunidades de domínio linguístico descendentes do latim vulgar conservam uma preferência pelo enfraquecimento (lenição) dos ditongos, sendo o português uma delas. Agora, é de suma importância apresentar um plano sincrônico na língua em sua atual forma a fim de argumentar a favor da tendência linguística da monotongação.

3.2 DO PLANO SINCRÔNICO

Este item explicita e analisa o fenômeno da monotongação em um recorte sincrônico. Com base na dissertação de Trindade (2009), nota-se, inicialmente, uma restrição da monotongação quando há ditongos decrescentes. Um ditongo decrescente é aquele em que a semivogal se encontra em posição de coda silábica, favorecendo, assim, o apagamento ou a assimilação completa durante a produção do falante do Português Brasileiro. A exemplo disso, tem-se: [‘f e j r a’] > [f e r a], [b a j ŷ a] > [b a ŷ a] e [l o w k u] > [l o k u].

A monotongação é, por muitas vezes, considerada uma possibilidade de variação fonética decorrente da facilidade de produção cuja influência pode ser ou não do contexto social. Dessa forma, mesmo que haja uma constante produção por parte dos falantes da língua, é indispensável reforçar o caráter puramente fonético da monotongação, visto que sua grafia não é alterada, explicitado, assim, por Mattoso Câmara Jr.:

“Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, monotongo, à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza numa linguagem mais cuidadosa.”
(CÂMARA JR., 1979)

No que se refere ao ambiente os principais favorecedores da monotongação consistem nos segmentos vibrante alveolar vozeado [r], fricativos palatais desvozeado [ʃ] e vozeado [ʒ] no *onset* da sílaba seguinte. Além disso, é relevante dizer que a tonicidade, apesar de mais frequente em ambiente tônico, não se mostra distintiva nas ocorrências desse processo, considerando que é possível verificar tanto na produção de ‘baixa’ > [‘b a ŷ a] (sílabica tônica) quanto em ‘apaixonado’ > [a p a ŷ o ‘n a d u] (sílabica átona). Sendo assim, é possível afirmar que, mais uma vez, o Português Brasileiro mostrou-se inovador pois expandiu os contextos de monotongação no quesito de tonicidade. Isto é, no Latim, a monotongação acontecia principalmente em ambiente tônico, e no PB contemporâneo essa tonicidade não é tão distintiva. Quanto à posição, independe de ser sílaba inicial, medial ou final, visto que possui, na língua, capacidade de ocorrer em todas elas.

	[r]	[ʃ]	[ʒ]		
‘roteiro’	[r o ‘t e r u]	‘paixão’	[p a ‘ ʃ ã w]	‘feijão’	[f e ‘ ʒ ã w]
‘couro’	[‘k o r u]	‘deixar’	[d e ‘ ʃ a h]	‘queijo’	[‘k e ʒ u]
‘freira’	[‘f r e r a]	‘peixe’	[‘p e ʃ i]	‘beijo’	[‘b e j u]

Tabela 3: Comparação entre a escrita normativa e possíveis produções com os principais segmentos de monotongação no PB.

Fonte: Adaptado de Aragão (2000).

Sendo assim, como é possível perceber na tabela acima, a monotongação ainda é perceptível nos diversos ambientes (tônico e átono) e posições (inicial, medial e final). Isto é, mesmo havendo variação livre durante a produção de palavras compostas por algum dos exemplos de ditongo decrescente, no português padrão, ele não será afetado.

Ademais, de acordo com a já citada Silva (2017), mesmo que um pouco menos frequente, o processo de monotongação do português brasileiro ainda pode ocorrer em um contexto linguístico que envolve o ditongo crescente. Nesse sentido, é coerente apontar os seguintes exemplos: ['k j ε t u] > ['k ε t u] e [a 'l i k w o t a] > [a 'l i k o t a]. Neste caso, nota-se que a produção, novamente, exclui a articulação da semivogal e opta por deixar a vogal simples sozinha.

De acordo com Henrique e Hora (2013) “O fenômeno da monotongação consiste, pois, na redução do ditongo a uma vogal simples, ou seja, na supressão do glide nos ditongos [aj], [ej] e [ow], reduzindo-os, respectivamente, às vogais simples [a], [e] e [o]”. Logo, no processo de monotongação, no latim vulgar, o que ocorre é a passagem de um ditongo em sílaba tônica (salvo os casos de ambientes átonos, como por exemplo *aestimo* o qual pode ser pronunciado, no português [i s 't i m u]) composto por duas vogais as quais deveriam ser produzidas devidamente como vogais plenas. No entanto, o que ocorre é o enfraquecimento de uma delas, tornando esta uma semivogal e, por fim, ocorre a queda desta, formando assim, um monotongo.

Reafirmamos os estudos já realizados, isto é, no Português Brasileiro contemporâneo, temos, como principais representantes do processo de monotongação, os ditongos decrescentes no qual a semivogal se encontra na *coda* da sílaba, esta que é sucedida pelos segmentos consonantais favorecedores do processo: [r], [ʃ] e [ʒ].

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os fatos e exemplos apresentados, é possível refletir sobre a importância dos estudos diacrônico e sincrônico de fenômenos como a monotongação na língua. Isso porque, como apresentado, foi a partir de uma manifestação puramente fonética que, por intermédio da evolução e tendências linguísticas, se tornou quase que categórica no atual português

brasileiro. Conseqüentemente, é plausível afirmar que, mais à frente, o padrão pode ser modificado para que se torne mais compatível com a língua falada, assim como aconteceu na evolução do latim vulgar para aquilo que hoje consideramos a língua normativa.

Em suma, prova-se que, assim como o falante do português brasileiro é tendencioso na construção de palavras paroxítonas, da mesma maneira pode-se apontar no que se refere à supressão das semivogais quando há uma sequência de segmentos vocálicos. Logo, é de se esperar que as intempéries da evolução atuem como fortalecedoras do processo de monotongação no Português brasileiro enquanto sistema linguístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Ditongação X Monotongação no falar de Fortaleza*. Revista Graphos, vol. 5., N. 1. Universidade Federal do Ceará, 2000.
- BAEHRENS, Willem Adolf. *Sprachlicher Kommentar zur vulgärlateinischen Appendix Probi*. Halle (Saale). University Library, University of North Carolina at Chapel Hill, 1922.
- BERWANGER, Ana Regina. *Noções de paleografia e diplomática*. 3. ed. rev. e ampl. - Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.
- CÂMARA JR. J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CASTRO, Ivo. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991. p. 104-151.
- ELIA, Sílvio. *Preparação à Lingüística Românica*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979. pp. 26-41.
- HENRIQUE, Pedro Felipe de Lima; HORA, Dermeval da. Da fala à escrita: a monotongação de ditongos decrescentes na escrita de alunos do 3º ao 5º ano do ensino fundamental. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 108-121, jan./jun., 2013.
- HRICSINA, Jan. Evolução do sistema vocálico do latim clássico ao português moderno: tentativa da verificação in corpora. *Études Romanes de Brno*, vol. 34, n, 2, p. 205-225, 2013.
- QUEDNAU, Laura Rosane. *Os ditongos do latim ao português*. Porto Alegre: Letras de Hoje, v. 4., nº 3, p. 89-99, setembro, 2005.
- SANTOS, Claudinei Marques dos; ALMEIDA, Miguél Eugênio; RODRIGUES, Marlon Leal. *Monotongação e Ditongação no Português: um estudo diacrônico*. Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. VII SENEFIL, 2015.
- Disponível em: http://www.filologia.org.br/vii_sinefil/. Acesso em: 6 de out. 2019.
- SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. *Para conhecer Fonética e Fonologia do português brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- SILVA NETO, Serafim da. 1917-1960 S58gh *História da língua portuguesa* / Serafim da Silva Netto. Prefácio / Sílvio Elia - Apresentação / Celso Cunha. - 3. ed. - Rio de Janeiro : Presença : Presença ; Brasília : INL, 1979. (Coleção Linguagem, 11).

SILVA, Thaïs Cristófar. *Dicionário de fonética e fonologia*. Thaïs Cristófar Silva; colaboradoras Daniela Oliveira Guimarães, Maria Mendes Cantoni. - 1. ed., 2º reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2017.

TRINDADE, Israel Elias. *The phenomenon of monophthongization in Tapuio portuguese*. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.